
Jornal O Estado de S. Paulo nas coberturas da gripe espanhola e covid-19¹

Radígia Santos de OLIVEIRA²
Izamara Bastos MACHADO³
Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz)

RESUMO

Este estudo analisa como o jornal O Estado de S. Paulo noticiou a gripe espanhola, em 1918, e a covid-19, especialmente em 2020, e procura identificar as aproximações e as diferenças que emergem nos discursos das coberturas jornalísticas, além de tentar compreender os sentidos que, ao longo do tempo, surgem sobre as duas doenças. A principal pergunta que se buscou responder foi como o veículo fez a cobertura das duas pandemias. Michel Foucault, Mikhail Bakhtin, Milton Pinto e Norman Fairclough estão entre os autores “convidados” para auxiliar nesta investigação. Entre os resultados, observou-se que os discursos sobre a gripe espanhola e a covid-19 são semelhantes em alguns aspectos.

PALAVRAS-CHAVE: covid; discurso; gripe espanhola; imprensa; pandemias.

INTRODUÇÃO

A disseminação pelo mundo do vírus H1N1 e do Sars-Cov-2, causadores da gripe espanhola e da covid-19, respectivamente, transformou as duas doenças em pandemias com vítimas em todo o planeta. A gripe espanhola matou de 50 milhões a 100 milhões no mundo⁴ (Goulart, 2005) e fez de 50 mil a 300 mil vítimas fatais no Brasil⁵ (Schwarcz; Starling, 2020). O total de óbitos causados pela covid-19 supera 7 milhões no planeta (Mathieu *et al.*, 2020) e 710 mil no país (Brasil, 2024).

Diante de números tão grandiosos, os dois momentos da história da humanidade merecem atenção e estudos diversos. No caso desta pesquisa, resultado recente de uma investigação maior no mestrado, o interesse principal é observar a capacidade de ambas

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Divulgação Científica, Saúde e Meio Ambiente, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestre em Informação e Comunicação em Saúde (PPGICS/Icict/Fiocruz) e jornalista com pós-graduação *lato sensu* em Revisão de Texto. E-mail: radigia.oliveira@gmail.com.

³ Doutora e mestre em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação (ECO) da UFRJ. Jornalista. Pesquisadora no Laboratório de Pesquisa em Comunicação e Saúde (Laces) do Icict/Fiocruz. Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Informação e Comunicação em Saúde (PPGICS/Icict/Fiocruz). E-mail: izamara.bastos@fiocruz.br.

⁴ A autora destaca a falta de unanimidade sobre os números.

⁵ Segundo Schwarcz e Starling (2020, p. 337), a grande variação revela falta de “registros mais aferíveis”.

as pandemias de provocar rupturas nas rotinas diárias das sociedades e na maneira como o jornal O Estado de S. Paulo noticiou as doenças.

Aos 149 anos, o jornal O Estado de S. Paulo, também conhecido como Estadão, vivenciou a gripe espanhola e a covid-19, o principal motivo para a escolha do veículo como objeto deste estudo. Além disso, o periódico está entre os três mais vendidos do Brasil (Newman *et al.*, 2023), ainda circula de forma impressa e, em sintonia com os tempos atuais, possui versões *online* e/ou digitais, acessíveis para assinantes.

O recorte temporal vai de 13 de outubro de 1918, data do primeiro caso registrado de gripe espanhola no Brasil, a 20 de dezembro do mesmo ano, dia seguinte ao “fim” oficial da doença. No caso da covid-19, vai de 3 de fevereiro de 2020, quando o Brasil declarou situação de emergência no país, até 6 de maio de 2023, dia seguinte ao anúncio, feito pela Organização Mundial da Saúde (OMS), do “fim” da doença como emergência de saúde pública.

METODOLOGIA

A partir do método da amostragem, selecionamos cinco marcos temporais relacionados com a gripe espanhola e a covid-19. São eles: 1) primeiro caso registrado de gripe espanhola e covid-19; 2) primeira morte causada pelas duas enfermidades; 3) crise política gerada pela demissão dos responsáveis pelo setor da Saúde durante cada uma das pandemias; 4) início da situação de emergência por causa das duas doenças; 5) “fim” oficial da gripe espanhola e da covid-19.

Após a seleção dos cinco marcos temporais, identificamos, em consulta remota ao acervo do jornal O Estado de S. Paulo (www.estadao.com.br/acervo/), 101 textos: 51 sobre a gripe espanhola e 50 sobre a covid-19, distribuídos conforme a seguir (tabela 1):

Tabela 1 – A quantidade de edições⁶ e textos do Estadão identificados

Marco temporal	Nº de edições		Nº de textos	
	Gripe	Covid	Gripe	Covid
1º caso	2	3	3	9
1ª morte	4	2	4	7
Crise política	1	7	4	19
Início da emergência	3	4	35	10
Fim da emergência	1	1	5	5
Total	11	17	51	50

Fonte: elaborada pelas autoras, 2024

⁶ Cada número do jornal.

Na lista de 101 textos, estão incluídas notas, chamadas de capa, matérias completas no interior do jornal, entre outras.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Esta pesquisa está inspirada, primeiramente, nas perspectivas da Análise de Discursos sob a ótica defendida por Milton José Pinto, autor de referência no tema, no Brasil. Pinto (2002) trabalha de forma comparativa e sempre leva em consideração o contexto.

Norman Fairclough (2019) é outro importante autor para este trabalho. Para ele, qualquer evento discursivo é, ao mesmo tempo, texto e exemplo de práticas discursiva e social. “A prática social tem várias orientações – econômica, política, cultural, ideológica –, e o discurso pode estar implicado em todas elas, sem que se possa reduzir qualquer uma dessas orientações”, afirma Fairclough (2019, p. 98).

Também são relevantes, neste trabalho, Michel Foucault (2022) e Mikhail Bakhtin (2015, 2016), quando os temas envolvem discurso, linguagem e relações de poder. Outros nomes, como Barbosa (2010, 2016), Nora (1995), Halbwachs (1990), Ribeiro (2007, 2008) e Dosse (2013), também são convocados quando o debate versa, principalmente, sobre memória, comunicação e acontecimento histórico.

ANÁLISE E PRINCIPAIS RESULTADOS

Este estudo buscou revelar não apenas o tratamento dado pelo Estadão às duas doenças, mas apontar as diferenças e/ou semelhanças na maneira de fazer jornalismo, com observações sobre as características de cada época.

No período da gripe espanhola, em 1918, o jornal era em preto e branco e nenhum dos 51 textos selecionados é acompanhado de gráfico, ilustração ou imagem. Em 1918, foram publicadas apenas 23 fotos (Madio, 2007), nenhuma sobre a doença.

Em relação aos 50 textos identificados sobre a covid-19, mais da metade (28) é acompanhada de gráficos (2), ilustração (1) e fotos coloridas (25). Das 25 fotos, 11 eram de políticos e, entre eles, o ex-presidente brasileiro de 1918 a 2022 foi o que mais apareceu, com 4 imagens.

Mesmo sem imagens, os políticos também “apareceram” bastante em 1918, por meio de publicações autorais sobre a gripe, de maneira direta ou indireta. Dos 51 textos, 27 são assinados por iniciais de agências, pelo próprio Estadão, pela Diretoria do Serviço Sanitário de São Paulo e, um deles, por Carlos Seidl, na condição de ex-diretor-geral de Saúde Pública, que havia recém-deixado a função, no meio da pandemia, após críticas. O

cargo de Seidl, nos tempos atuais, equivale ao de ministro da Saúde. No total, a Diretoria publicou oito textos, a maioria entre aspas e com o título de Comunicado do Serviço Sanitário.

Sobre a autoria dos 50 textos sobre a covid-19, é preciso, antes, excluir 18 publicados nas capas, pois esses espaços dispensam assinaturas. Sobram 32 e, desses, apenas um não está assinado. Os autores são, principalmente, o próprio Estadão, especialistas no assunto (médico, professor, pesquisador) e a maioria, jornalistas do veículo. Das 18 matérias assinadas pelos jornalistas, chama a atenção 13 publicações creditadas a mais de um profissional. Algumas matérias chegaram a ser assinadas por cinco jornalistas.

Em 1918, o Estadão contava com oito páginas, no total. A página 4 concentrou mais de um terço dos textos selecionados neste estudo: 22 dos 51. Os sentidos sobre a gripe espanhola podem também ser apontados a partir da frequência de publicação e na distribuição dos textos sobre a doença no jornal, que aumenta de acordo com a evolução da pandemia. No dia 1º de novembro de 1918, por exemplo, a gripe estava em todas as páginas do Estadão.

De 1918 para 2020, o número de páginas do Estadão saltou de 8 para 80. Os 50 textos identificados sobre a covid-19 estão distribuídos assim: 18 na capa, 21 no caderno MetrÓpole, 7 na editoria de Política, 4 na seção Notas & Opiniões. Os 18 textos de capa indicam certa ruptura porque a gripe espanhola, em 1918, apareceu na capa do Estadão apenas três vezes.

Sobre a cobertura jornalística propriamente dita, o Estadão de 1918, por meio da própria voz ou de entrevistados, não hesitou em chamar a gripe espanhola de “benigna”, “nossa tão velha conhecida”, “influenza comum”, “influenza vulgar”, um reforço ao discurso de minimização da pandemia. É importante ressaltar que os conhecimentos científicos do início do século 20 eram outros. De 1918 para 2020, a ciência avançou bastante. A vacina contra o vírus Sars-CoV-2, causador da covid-19, começou a ser aplicada, no mundo, menos de um ano depois do início da doença, situação bem diferente da época da gripe espanhola, quando o H1N1, responsável pela enfermidade, só foi identificado décadas depois (Schatzmayr; Cabral, 2012).

A mudança de postura do Estadão na maneira de conduzir a pandemia de gripe espanhola ocorreu, ao que tudo indica, no dia 1º de novembro de 1918, quando o veículo publica, no alto e praticamente no centro da capa, pela primeira vez, o comunicado “Ao povo”, assinado pela “Redação d’O Estado”, com várias recomendações para a

população. Com exceção dos anúncios para prevenir e até “curar” a enfermidade, a gripe espanhola voltaria à capa do jornal, por meio do “Ao povo”, somente mais duas vezes, também em novembro, nos dias 2 e 4.

Outro exemplo de nova postura foi quando o veículo, também em novembro, publicou texto apelativo aos colaboradores. O tom evidenciou a gravidade da situação, especialmente a vivida pelo próprio jornal. O texto era uma súplica, com uso de verbos como “rogamos”, para que as pessoas escrevessem apenas o essencial, caso contrário, os textos não seriam publicados porque o Estadão estava sem equipe.

Também foi no mês de novembro que o escritor Monteiro Lobato, então colaborador do Estadão, assumiu o jornal porque os dirigentes estavam todos doentes. Em artigo publicado décadas depois⁷, o autor usa o adjetivo “trágico” para descrever o período, chama a atenção para a gravidade da gripe e dá a entender que precisou assumir o jornal para que as atitudes do então governo em relação à pandemia fossem criticadas (Lobato, 2020).

No caso da covid-19, o discurso de minimização ocorre principalmente no início, como, por exemplo, em 4 de fevereiro de 2020, quando o Brasil declarou situação de emergência no país. No mesmo dia, a manchete da página A9 do Estadão era: “Mesmo sem confirmar coronavírus no Brasil, governo decreta emergência” (Vargas; Lindner, 2020). Em 26 de fevereiro de 2020, dia do registro do primeiro caso no Brasil, o Carnaval ganhou mais espaço na capa que a covid-19.

Em 21 de março de 2020, quatro dias depois da data da primeira morte oficial por covid-19, a doença é chamada de “gripezinha” pelo então presidente da República, conforme noticiou a manchete do Estadão (Mandetta [...], 2020, capa). A fala da autoridade máxima do país sobre a enfermidade passa a ser publicada nos principais veículos de comunicação brasileiros, a exemplo do Estadão. Assim, no caso da covid-19, a negação começa a escalar alguns degraus até virar “negacionismo”, movimento de desinformação contra tema de consenso no meio científico.

O Estadão publicou, diariamente, o número de óbitos e de casos relacionados com as duas doenças. Sobre a gripe, o balanço passou a ser regular em meados do mês de outubro, mas não apenas os dados, como também os textos, eram fornecidos pela própria Diretoria do Serviço Sanitário. Em comunicado do dia 1º de novembro, enviado pela Diretoria à imprensa, o texto começa assim: “Até as 18 horas de hoje foram notificados 4.180 casos novos, 149 convalescentes e 28 altas. O número de óbitos elevou-se a 91”

⁷ O artigo do escritor foi publicado pelo Estadão, no mínimo, nos anos de 1945, 1990 e 2020.

(Meyer; Teixeira, 1920, p. 108). Na página 4 do Estadão do dia seguinte, somente uma variação: a palavra “hoje” é trocada por “ontem”, prática comum durante a pandemia.

No caso da covid-19, os números eram divulgados quase que diariamente, na capa do veículo. A publicação diária desse balanço indica continuidade, mas a fonte “consultada” para a obtenção dos números denota ruptura porque os números sobre a covid-19 eram do consórcio de imprensa⁸, criado por veículos de comunicação em resposta à suspeita de que os dados fornecidos pelo governo federal estariam manipulados.

CONCLUSÃO

A covid-19, além de excessivamente noticiada, jogou luz sobre a gripe espanhola e, assim, passado e presente viraram manchetes do dia. O Estadão está entre os vários veículos que devolveu a gripe aos holofotes ao mirar o passado em busca de comparações e respostas sobre a pandemia do início do século 20, com uma vantagem: o periódico pôde se dar ao luxo de ir atrás das próprias publicações antigas.

Para além da maneira como o veículo pôde recorrer às edições antigas para recuperar o passado, esta pesquisa apontou que, diferentemente de 2020, o Estadão de 1918 esteve muito mais alinhado ao governo e, talvez por esse motivo, tenha “comprado” o discurso de benignidade e minimizado a pandemia de gripe espanhola, mesmo depois do registro de muitas mortes.

Assim, os discursos de minimização da gripe espanhola estão devidamente identificados neste estudo, bem como os da covid-19. No entanto, esses resultados só valem para as primeiras semanas da chegada das duas doenças ao país porque, depois, a gravidade de ambas ficou explícita, tanto no Estadão de 1918, que quase fechou por causa da gripe espanhola, quanto no ano de 2020.

Os sentidos relacionados com negação ou negacionismo também estão devidamente identificados neste estudo. A negação aparece, de alguma forma, em 1918, mas o negacionismo somente pode ser apontado em relação à covid-19. No caso do negacionismo, apesar de o discurso ser localizado no jornal, não parte exatamente do Estadão e, sim, de algumas falas, como as do então presidente da República, reproduzidas pelo veículo.

⁸ Grupo formado pelo Estadão, Folha de S. Paulo, O Globo, Extra e os portais UOL e g1, em resposta à decisão do então governo federal “de restringir o acesso a dados sobre a pandemia” (Estado, 9/6/2020, p. A8). O consórcio foi desfeito em 28 de janeiro de 2023.

Ciente de que esta pesquisa não representa a totalidade dos discursos e sentidos sobre o tema, porque o universo de publicações do jornal é muito maior, consideramos este estudo um exercício de investigação pontual com possibilidade de fomentar múltiplas investigações sobre as pandemias.

REFERÊNCIAS

ACERVO Estadão. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/acervo/>.

BAKHTIN, M. **Teoria do romance I: a estilística**. São Paulo: 34, 2015.

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: 34, 2016.

BARBOSA, M. **História cultural da imprensa: Brasil, 1900-2000**. 2. ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

BARBOSA, M. Meios de comunicação: lugar de memória ou na história? **Contracampo**, Niterói, v. 35, n. 1, p. 7-26, abr./jul. 2016.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Painel Coronavírus**. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 10 jun. 2024.

BUENO, F.T.C.; SOUTO, E. P.; MATTA, G. C. Notas sobre a trajetória da Covid-19 no Brasil. In: MATTA, G. C.; REGO, S.; SOUTO, E. P.; SEGATA, J. (ed.). Os impactos sociais da Covid-19 no Brasil: populações vulnerabilizadas e respostas à pandemia [online]. Rio de Janeiro: **Observatório Covid 19**; Fiocruz, 2021, p. 27-39.

DOSSE, F. **O renascimento do acontecimento**. São Paulo: Unesp, 2013.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. 2. ed. Brasília: UnB, 2019.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2022.

GOULART, A. C. Revisitando a espanhola: a gripe pandêmica de 1918 no Rio de Janeiro. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 101-142, jan./abr. 2005.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

LOBATO, M. Lobato no comando do ‘Estado’. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, ano 141, n. 46192, 6 abr. 2020. Especial, p. H5.

MADIO, T. C. C. A fotografia na imprensa diária paulistana nas primeiras décadas do século XX: O Estado de S. Paulo 1. **História**, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 61-91, 2007.

MANDETTA prevê colapso na Saúde em abril e Bolsonaro fala em ‘gripezinha’. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, ano 141, n. 46176, 21 mar. 2020. Primeira Página.

MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. 4. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

MATHIEU, E.; RITCHIE, H; RODÉS-GUIRAO, L; APPEL, C; GIATTINO, C; HASELL, J.; MACDONALD, B.; DATTANI, S; BELTEKIAN, D.; ORTIZ-OSPINA, E; ROSER, M. **Coronavirus Pandemic (COVID-19)**. Disponível em: <https://ourworldindata.org/coronavirus>. Acesso em: 10 jun. 2024.

MEYER, C. L.; TEIXEIRA, J. R. **A gripe epidêmica no Brasil e especialmente em São Paulo: dados e informações**. São Paulo: Casa Duprat, 1920.

NEWMAN, N.; FLETCHER, R., EDDY, K.; ROBERTSON, C. T.; Nielsen, R. K. **Digital News Report 2023**. Oxford: Reuters Institute, University of Oxford, 2023.

NORA, P. O retorno do fato. *In*: LE GOFF, J.; NORA, P. (org.). **História: novos problemas**. 4. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995. p. 179-193.

PINTO, M. J. **Comunicação & Discurso**. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

RIBEIRO, A. P. G.; FERREIRA, L. M. A. (org.). **Mídia e memória: a produção de sentidos nos meios de comunicação**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

RIBEIRO, A. P. G.; HERSCHMANN, M. **Comunicação e História - Interfaces e novas abordagens**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008.

SCHATZMAYR, H. G.; CABRAL, M. C. **A virologia no estado do Rio de Janeiro: uma visão global**. 2. ed. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2012.

SCHWARCZ, L. M.; STARLING, H. M. **A bailarina da morte: a gripe espanhola no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

VARGAS, M; LINDNER, J. Mesmo sem confirmar coronavírus no Brasil, governo decreta emergência. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, ano 141, n. 46130, 4 fev. 2020. Metrópole, p. A9.